

A construção narrativa da identidade de uma “atingida por barragem”: investigando a experiência consciente pela via da intersubjetividade

Paulo Henrique Aguiar Mendes*

Daiman Oliveira da Costa**

Resumo

Nesse artigo, abordaremos o “problema” da consciência pela via da intersubjetividade, com o objetivo de mapear e avaliar o funcionamento sociocognitivo de certos padrões de experiência intersubjetiva que se manifestam por meio da linguagem e, mais especificamente, por meio da prática narrativa. Para tanto, selecionamos uma entrevista narrativa, gravada e transcrita em 2016 no âmbito das reuniões do GEDEM-UFOP, por meio da qual a narradora relata a sua experiência com o rompimento da Barragem de Fundão, em Bento Rodrigues (MG), e constrói, intersubjetivamente, a sua identidade como “atingida por barragem” a partir de três estágios: o não-pertencimento, a identificação e a militância. Em termos teóricos, nos apoiaremos principalmente nas contribuições de Damásio (2015; 2018), Abrantes (2010), Zlatev (2008) e Gallagher e Hutto (2008), para mostrar que a prática narrativa pode ser concebida como um “dado de primeira pessoa do plural” no âmbito dos estudos da consciência.

Palavras-chave: Intersubjetividade; consciência; narrativa; identidade.

* Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutor em Linguística, professor do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da UFOP, coordenador do Grupo de Estudos sobre Discurso e Memória (GEDEM/UFOP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0584-0669>.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa, bolsista CAPES/PROSUC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6258-764X>.

The Narrative Construction of the Identity of a “Hit by a Dam”: Investigating the Conscious Experience Through Intersubjectivity

Abstract

In this paper, we will approach the “problem” of consciousness through intersubjectivity, with the aim of mapping and evaluating the sociocognitive functioning of certain patterns of intersubjective experiencing that are manifested through language and, more specifically, through narrative practice. In order to do so, we selected a narrative interview, recorded and transcribed in 2016 within the scope of the GEDEM-UFOP meetings, through which the narrator reports her experience with the rupture of the “Fundão” Dam, in Bento Rodrigues (MG), and builds, intersubjectively, her identity as “hit by a dam” from three stages: non-belonging, identification and militancy. In theoretical terms, we will mainly rely on the contributions of Damásio (2015; 2018), Abrantes (2010), Zlatev (2008), and Gallagher and Hutto (2008), to argue that narrative practice can be conceived as a “first-person plural data” within the scope of consciousness studies.

Keywords: Intersubjectivity; consciousness; narrative; identity.

Recebido em 28/03/2022. // Aceito em 25/08/2022.

Introdução

Apesar de ser um fenômeno intrínseco à existência humana e objeto de investigação há milênios, a consciência permanece sendo um dos maiores desafios da ciência contemporânea. Isso decorre do fato de que ainda não se alcançou consenso a respeito da construção de um método que seja capaz de conjugar a análise daquilo que Chalmers (1996) chama de “dados de primeira pessoa” (referentes a emoções, sensações, *qualia*) e de “terceira pessoa” (referentes ao funcionamento cerebral e ao comportamento). De todo modo, os últimos setenta anos de investigação científica a respeito da mente e do cérebro revelaram a existência e a recorrência de certos padrões de experiência intersubjetiva, relacionados à atenção, à percepção, à memória e à linguagem, que são comuns à nossa espécie e que, por causa disso, podem ser tratados como “dados de primeira pessoa do plural”. É pensando nisso que este artigo se propõe a abordar o “problema” da consciência pela via da intersubjetividade, a fim de mapear e avaliar a realização desses padrões por meio da linguagem e, mais especificamente, por meio da prática narrativa. Nesse sentido, argumentaremos que a narrativa é um tipo de operação cognitivo-discursiva básica dos seres humanos, que não apenas instancia enunciativamente a agentividade do(s) sujeito(s) em cenas espaço-temporais específicas, mas também mobiliza e materializa certos padrões de experiência intersubjetiva que coordenam o compartilhamento dos conteúdos da experiência consciente (emoções, sensações, percepções). Para sustentar esta hipótese, propomos a análise de uma

entrevista narrativa¹, de caráter autobiográfico, gravada em 2016 pelo Grupo de Estudos sobre Discurso e Memória (GEDEM), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com o objetivo de mostrar como os padrões de experiência intersubjetiva que compõem o processo narrativo engendram a construção enunciativa da identidade de uma “atingida por barragem” a partir de três estágios graduais: (i) o não-pertencimento, (ii) a identificação e (iii) a militância.

Para tanto, a primeira seção do texto se dedica a construir o referencial teórico privilegiando três conceitos-chave que, na nossa perspectiva, são intimamente conectados: consciência, intersubjetividade e prática narrativa. Assim, começaremos pelas contribuições de Damásio (2018) a respeito daquilo que para ele são os componentes cruciais da consciência (a subjetividade e a integração de experiências) e destacaremos, a partir da sua versão da “metáfora do teatro/da teatralidade”, o caráter fundamental das noções de “agente”, “tempo” e “espaço” para a compreensão da atividade mental consciente. Na sequência, articularemos as reflexões de Damásio (2015) e Abrantes (2010) a respeito das noções de *self* e intersubjetividade com o intuito de esclarecer os processos de construção identitária do(s) sujeito(s) e, assim, consolidar a ideia de que “agente”, “tempo” e “espaço” são, na verdade, os “primitivos” de qualquer experiência consciente – algo que facilitará a compreensão da estrutura e do funcionamento das práticas narrativas. Nesse ponto, iniciaremos uma avaliação mais verticalizada do conceito de intersubjetividade, ancorada

¹ A transcrição da entrevista analisada neste artigo faz parte do relatório final da pesquisa de iniciação científica intitulada “Análise cognitivo-discursiva de entrevista narrativa com representantes dos atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana (MG)”, vinculada ao PIBIC/FAPEMIG/UFOP (2018/2019), edital 10/2017, e desenvolvida pelo aluno Alexandre Emanuel Alves da Silva, sob a orientação do professor Paulo Henrique A. Mendes. Infelizmente, em razão de problemas técnicos com o site da UFOP, a transcrição foi excluída do banco de dados digitais, mas garantimos ao leitor desse artigo o acesso ao documento, em formato PDF, por meio do link: <https://drive.google.com/drive/folders/1LCH57eC19AEKeHfeyD0Ymn2X6Qycuy?usp=sharing>.

principalmente nos escritos de Zlatev (2008), e, finalmente, lançaremos mão das reflexões de Gallagher e Hutto (2008) a respeito da “Hipótese da Prática Narrativa” que, embora não seja metodologicamente aplicável ao objeto selecionado para a análise, consolida a noção de que a narratividade é uma capacidade constitutiva dos seres humanos e reforça a ideia da prática narrativa como uma operação cognitivo-discursiva básica. Estas são, com efeito, as principais referências teóricas que, no momento, convém apresentar, mas não serão as únicas.

A partir deste quadro teórico, então, partiremos à segunda seção do texto, destinada à análise qualitativa da entrevista selecionada, cujo objetivo principal, como já foi dito, é identificar os estágios da construção enunciativa da identidade da entrevistada como “atingida por barragem”. Para tanto, em um primeiro momento será necessário apresentar uma contextualização mais ampla acerca do rompimento da barragem de rejeitos de minério da Samarco (denominada Fundão), fato que motivou a criação do jornal *A Sirene* – publicado desde fevereiro de 2016 – e a realização das entrevistas narrativas pelo GEDEM. Na sequência, começaremos a análise da entrevista a partir de recortes estratégicos que revelam a realização linguístico-enunciativa de certos padrões de experiência intersubjetiva e, assim, ilustram os estágios de (co)construção identitária (não-pertencimento, identificação e militância) que emergem ao longo da narrativa. Nesse sentido, com vistas a integrar de modo mais orgânico as dimensões fenomenológicas, cognitivas e discursivas da narrativa em questão, recorreremos também a alguns fundamentos da abordagem de Benveniste (1989, 1995), para quem a linguagem deve ser estudada “no quadro do discurso, que é a língua assumida pelo homem que fala

e sob condição de intersubjetividade, única que torna possível a comunicação humana” (BENVENISTE, 1995, p. 293). Com efeito, ressaltamos que o enfoque principal deste artigo incide sobre a dimensão intersubjetiva da experiência consciente, a partir dos seus fundamentos cognitivos e fenomenológicos, mas compreendemos que estes últimos não prescindem de uma avaliação no nível dos processos enunciativos² que os instanciam. Dito isso, passamos à primeira seção.

Padrões intersubjetivos da experiência consciente

Everybody knows what consciousness is: it is what vanishes every night when we fall into dreamless sleep and reappears when we wake up or when we dream. It is also all we are and all we have: lose consciousness and, as far as you are concerned, your own self and the entire world dissolve into nothingness (TONONI, 2008, p. 216).

Todos nós, seres humanos, temos um conhecimento intuitivo sobre o que é consciência, como aponta Tononi (2008), principalmente porque ela é vivida, sentida, constitutiva dos nossos padrões de experiência, desde os níveis mais básicos de atenção conjunta até os mais complexos processos de produção de sentido, de modo que, quando a perdemos, perdemos aquilo que nos constitui como sujeitos e parece que “o mundo todo se dissolve no vazio”. De fato, o “problema” da consciência faz parte de uma longa tradição filosófica – ligada

2 A propósito dos processos enunciativos, convém pontuar que não desconhecemos nem negligenciamos a importância das teorias da enunciação, seja na perspectiva do seu aparelho formal (Benveniste), seja na dimensão de seu fundamento dialógico (Bakhtin/Volóchinov). Contudo, as limitações impostas a esta publicação e os seus objetivos mais fundamentais inviabilizaram um investimento mais sistemático sobre tais teorias.

à questão dos *qualia*, isto é, às propriedades qualitativas das experiências sensorio-perceptivas “em primeira pessoa” – e, mais recentemente, de investigações científicas que se propõem a estudar, entre outras coisas, seus fundamentos neurofisiológicos, seus princípios cognitivos e seus desdobramentos socioculturais, mas a consolidação de uma sistematização teórica e, sobretudo, metodológica continua sendo um desafio compartilhado por várias áreas do conhecimento, tanto no que diz respeito às investigações da mente quanto do cérebro. Nesse quadro, o renomado neurocientista português António Damásio (2018) desenvolve uma elaboração bastante robusta sobre o fenômeno, lançando luz especial sobre os princípios biológicos básicos da homeostase, da criação de imagens mentais e de sentimentos, do funcionamento da memória e da evolução da mente cultural. Para os fins de nossa argumentação neste artigo, abordaremos a obra desse autor assumindo uma perspectiva mais centrada no funcionamento sociocognitivo do que na composição neurofisiológica da consciência, privilegiando, assim, os dois elementos que, para ele, são fundamentais na experiência consciente (a subjetividade e a integração das experiências).

Antes disso, no entanto, convém sublinhar um importante pressuposto nos estudos da consciência que diz respeito à capacidade da mente de produzir imagens (às quais Damásio se refere em termos de imagens do “mundo interior”, relativas à nossa arquitetura corpórea, e do “mundo exterior”, relativas à integração com o ambiente pela via de *affordances*³) a partir dos sistemas orgânicos interoceptivos e sensorio-perceptivos. Aqui a noção de imagem mental não se traduz, muito menos se

³ O conceito de *affordance* foi elaborado por Gibson (1983) e diz respeito à dinâmica interativa que se estabelece entre um organismo (agente) e o ambiente no qual ele está inserido. Em linhas gerais, *affordances* são predisposições e configurações específicas do ambiente que se impõem ao organismo (agente) como possibilidades de ação imediata.

limita à ideia de imagem pictórica, mas se refere a padrões de experiência consciente que dependem de condições orgânicas e da complexidade das interações entre organismo e ambiente; de fato, tais imagens são traduzidas, muitas vezes, como mapeamentos e projeções do organismo acerca dele mesmo e de suas relações e predisposições sobre o ambiente ou, ainda, sobre os nichos bioculturais que lhe são peculiares. Damásio formula a questão em termos evolutivos, deixando claro que a produção de imagens mentais é um fenômeno constitutivo do desenvolvimento onto e filogenético da espécie humana e, no ponto que mais nos interessa, sinaliza a existência de certos padrões experienciais:

Por essa interpretação, os passos que devem ter sido dados na evolução são razoavelmente claros. Primeiro, usando imagens feitas com os componentes mais antigos do interior do organismo – os processos químicos metabólicos realizados, em grande medida, em vísceras e na circulação sanguínea, bem como com os movimentos que eles geravam –, a natureza gradualmente criou sentimentos. Em segundo lugar, usando imagens feitas com um componente menos antigo do interior – a estrutura esquelética e os músculos a ela ligados –, ela gerou uma representação do envoltório de cada vida, uma representação literal da casa habitada pelo respectivo ser vivo. A combinação desses dois conjuntos de representações abriu caminho para a consciência. Em terceiro lugar, usando os mesmos dispositivos formadores de imagens e um poder inerente destas – o de representar alguma outra coisa e simbolizá-la –, a natureza desenvolveu linguagens verbais (DAMÁSIO, 2018, p. 74).

Esta reflexão sobre as imagens mentais, com efeito, é particularmente importante para introduzirmos o debate sobre os dois elementos fundamentais da consciência na perspectiva

damasiana, já que elas são, grosso modo, suas matérias-primas. Começamos, então, pelo conceito de subjetividade elaborado pelo autor, que implica diretamente esta capacidade de construção de imagens, as quais são perspectivadas em “primeira pessoa”, isto é, criadas a partir do ponto de vista do organismo que as produz, e intrinsecamente relacionadas à produção de sentimentos, que são um “acompanhamento natural e abundante das imagens” (DAMÁSIO, 2018, p. 178), gerado em nível homeostático e emocional. Nesses termos, a subjetividade é uma combinação das imagens internas do organismo, das imagens do mundo externo geradas pelos sistemas sensório-perceptivos (acoplados à memória) e, finalmente, da produção de sentimentos. Assim, é possível dizer que o fluxo das imagens mentais derivadas dessa articulação assume nuances que dependem das motivações, impulsos e contingências vividas e/ou imaginadas pelo indivíduo em sua singularidade – e é justamente nesse ponto que o segundo elemento fundamental da consciência (a integração de experiências) eventualmente fomenta a emergência de padrões de experiência estáveis e dinâmicos, como veremos na sequência. Em suma:

Concluimos que a subjetividade é construída a partir de uma combinação da perspectiva do organismo, relativamente ao local, no corpo, onde as imagens a serem tornadas conscientes foram geradas, com a incessante construção de sentimentos espontâneos e provocados, os quais são desencadeados por imagens fundamentais e as acompanham. Quando as imagens são apropriadamente situadas na perspectiva do organismo e acompanhadas por sentimentos, o resultado é uma experiência mental. **A consciência no sentido pleno do termo ocorre [...] quando essas experiências mentais são adequadamente integradas em uma tela maior.** As experiências mentais que constituem a consciência dependem, portanto, da presença de imagens mentais

e do processo da subjetividade que torna nossas essas imagens (DAMÁSIO, 2018, p. 178-179, ênfase nossa).

No trecho anteriormente mencionado, Damásio arremata a sua definição do conceito de subjetividade e propõe uma metáfora para introduzir o segundo componente fundamental da consciência. De fato, a “tela maior” a que se refere o autor é uma espécie de reformulação da “metáfora do teatro/da teatralidade”, que situa os sujeitos tanto como atores quanto como espectadores do fluxo das imagens que compõem as cenas e, conseqüentemente, os conteúdos subjetivos da experiência consciente. Assim, o segundo componente da consciência pode ser compreendido, tal como num filme ou numa peça de teatro, como um fluxo coordenado e sequencial de imagens que compõem um todo integrado em forma de narrativa. Aqui convém reforçar dois pontos cruciais: o primeiro é que, embora as imagens mentais sejam construídas subjetivamente, isto é, perspectivadas em “primeira pessoa” e articuladas aos sentimentos, elas se originam da interação entre o organismo e o ambiente, de modo que a nossa arquitetura corpórea inevitavelmente estabiliza certos padrões experienciais e, conseqüentemente, facilita o compartilhamento dos conteúdos desta experiência; o segundo ponto é que, se essa integração se dá em forma de narrativa, como defende Damásio, começa a se desenhar a ideia de que na base de qualquer experiência consciente estão três “primitivos” (“agente”, “tempo” e “espaço”)⁴ – e isso é algo que vai ao encontro dos escritos de Abrantes (2010), tanto no que diz respeito à agentividade implicada no conceito de subjetividade, quanto no que diz respeito à construção de uma cena espaço-

⁴ Nesse ponto, sublinhamos a estreita relação com a abordagem de Benveniste (1989; 1995), cuja formulação a respeito do aparelho formal da enunciação preconiza as categorias de “pessoa”, “tempo” e “espaço” como primitivos do dispositivo enunciativo que coloca a língua em funcionamento através do discurso.

temporal interativa que integra as imagens do fluxo mental das experiências conscientes. Além disso, outro importantíssimo ponto de contato entre os autores é a atenção especial destinada à noção de *self* ou, melhor dizendo, de “sentido do *self*”, que Abrantes (2010, p. 11) define como “a representação mental do próprio sentido do ser ou da sua própria identidade” e que Damásio (2015) divide em três níveis: (i) o *proto-self*, relativo ao nível mais básico da atividade mental, que desencadeia a criação subjetiva das imagens e dos sentimentos, (ii) o *self* central, que articula essas imagens e sentimentos à memória das relações entre o organismo e o ambiente, e, finalmente, o (iii) *self* autobiográfico, que é o nível mais complexo, construído com base nas memórias do passado vivido e do futuro antecipado e que, em última instância, constitui a nossa própria identidade como sujeitos das experiências conscientes. Esta afinidade⁵ entre os autores fica bem ilustrada neste excerto:

Em síntese, a consciência humana é a ciência [*awareness*] do aqui-e-agora imediato e dos objetos (incluindo outros *eus* [*selves*]) que habitam esse ambiente situado. Além disso, envolve a autoconsciência, a consciência de ser consciente. Três aspectos pertencem a esse nível de **metaconsciência**: o sentimento de uma **agentividade** de experiência expressa pela primeira pessoa (ou seja, a representação do *self* como experimentador, como o sujeito engajado na experiência), a **profundidade temporal** que dota o *self* de um sentido do passado e a representação do futuro, e da unidade e continuidade desta experiência; e, além disso, a ciência [*awareness*] da alteridade, dos *eus* [*selves*] dos outros e da consciência deles sobre nós mesmos (uma mudança de perspectiva sobre si mesmo). Essas características da consciência

5 Apesar da afinidade, convém reconhecer uma diferença em termos de orientação epistemológica, tendo em vista que Damásio privilegia uma dimensão bioneurocognitiva (sem descartar, no entanto, a historicidade e o que ele chama de “mentes culturais”) e Abrantes preconiza uma dimensão fenomenológica, cognitiva e semiótica da consciência e da (inter)subjetividade. De todo modo, o que está em foco é a existência e o compartilhamento de certos padrões experienciais que se manifestam, por exemplo, nas práticas de atenção conjunta e que, em última instância, se traduzem nas práticas de linguagem, como veremos na sequência.

humana de ordem superior dificilmente são passíveis de observação direta, mas podem ser relatadas por meio da linguagem (ABRANTES, 2010, p. 10, tradução e ênfases nossas).⁶

À sua maneira, portanto, Abrantes não apenas retoma os três níveis do *self* estipulados por Damásio, que nos permitem conceber as categorias de “agente”, “tempo” e “espaço” como fundamentalmente constitutivas das experiências conscientes, mas também chama atenção para a sua relação com outros “eus”, para esta ciência da alteridade que inevitavelmente nos direciona à noção de intersubjetividade e, mais além, de narratividade, como um processo enativo inerente aos seres humanos. Nesse sentido, aquilo que estamos chamando de padrões de experiência intersubjetiva é sintomático dessa capacidade de metaconsciência e, eventualmente, se materializa nas práticas de linguagem; de uma perspectiva enunciativa, Benveniste (1989, p. 286) chega a dizer que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”. Consolida-se, então, a ideia de que a atividade cognitiva humana tem um caráter eminentemente social⁷ e começa a ficar ainda mais claro que as experiências mentais conscientes emergem em um cenário espaço-temporal mais amplo, sendo construídas intersubjetivamente a partir da interação entre sujeitos. Nesse sentido, o conceito de

6 In brief, human consciousness is the awareness of the immediate here-and-now and of the objects (including other selves) that inhabit this situated environment. Moreover, it involves self-awareness, the consciousness of being conscious. Three aspects pertain to this level of meta-consciousness: the feeling of an agency of experience expressed by the first person (i.e. the representation of the self as experiencer, as the subject engaged in the experience), the temporal depth that endows the self with a sense of past and the representation of the future, and of the unity and continuity of this experience; and moreover the awareness of alterity, of others' selves and of their awareness of ourselves (a shift of perspective over one's self). These features of human higher-order consciousness are hardly amenable to direct observation, but they can be reported through language (ABRANTES, 2010, p. 10)

7 Na verdade, os estudos mais recentes concebem a atividade cognitiva humana em quatro níveis integrados, no que ficou conhecido como “Cognição 4E” (NEWEN; DE BRUIN; GALLAGHER, 2018). Assim, ela é (i) corporificada (*embodied*), porque é moldada pelo corpo, pelas nossas capacidades sensório-motoras-perceptivas; (ii) situada (*embedded*), porque se dá na interação entre o organismo e o ambiente; (iii) enativa (*enacted*), porque as nossas percepções são indissociáveis das nossas ações; e (iv) estendida (*extended*), porque também se apoia em ferramentas e dispositivos do ambiente, tratados como extensões “naturais” do nosso corpo.

intersubjetividade proposto por Zlatev (2008) é particularmente relevante para a nossa argumentação, na medida em que o autor mapeia com notável grau de detalhamento seus diferentes níveis e estágios de complexidade e, assim, oferece um modelo evolucionário e desenvolvimental do conceito, que nos servirá como ponte para introduzir a “Hipótese da Prática Narrativa” (GALLAGHER; HUTTO, 2008).

Pois bem, em linhas gerais, Zlatev (2008, p. 215) define a intersubjetividade como “o compartilhamento de experiências afetivas, perceptivas e reflexivas entre dois ou mais sujeitos” e, na sequência, esclarece três de suas características mais básicas: (i) a de não ser uma capacidade unitária/homogênea, no sentido de envolver diferentes formas de consciência, desde a troca de afetos, num nível de empatia, até a partilha de crenças, num nível de estados intencionais, passando pela atenção conjunta; (ii) a de se desenvolver em estágios (na filo e ontogenia), com os mais primitivos servindo de pré-requisitos para os superiores; e (iii) a de ser fundamentalmente corporificada, envolvendo uma coexperienciação direta de esquemas corporais. Essas características, com efeito, resumem boa parte do que foi dito até aqui, mas interessa-nos, agora, apresentar os estágios de maturação da intersubjetividade mapeados por Zlatev, os quais reforçam, mais uma vez, a ideia central desta seção: a de que os seres humanos compartilham padrões experienciais. Assim, temos: as formas protomiméticas, que consistem em mapeamentos/projeções entre esquemas propioceptivos e percepções visuais do outro, as quais são associadas pelo autor à noção de esquema corporal, enquanto padrões pré-conscientes e, em larga medida, inatos de experientiação intersubjetiva; as formas miméticas, que são definidas como diádicas (relativas

ao controle atencional consciente dos movimentos do próprio corpo e de suas correspondências com os movimentos de outros corpos durante a interação) e triádicas (implicam a compreensão recíproca da relação representacional entre os movimentos corporais e os objetos da atenção conjunta dos sujeitos envolvidos na interação); e, finalmente, as formas pós-miméticas, que são chamadas pelo autor de simbólicas no sentido de que se referem ao uso de sistemas de signos convencionalizados e/ou institucionalizados, a exemplo das línguas naturais, com sua complexidade estrutural e recursiva.

Na visão de Zlatev, portanto, os estágios de maturação da intersubjetividade alcançam seu nível mais complexo a partir do uso de recursos simbólicos, e isso é algo que aponta diretamente para a questão da enunciação, da narratividade e da interação face a face, com todos os aspectos fenomenais constitutivos de sua complexidade. Chegamos, assim, a um ponto central de nossa formulação: a realização linguística de certos padrões experienciais que, em um nível enunciativo, são sintomáticos do compartilhamento dos conteúdos da experiência consciente. Nesse sentido, a entrevista narrativa que será analisada na próxima seção configura-se como uma prática discursivo-cognitiva que emerge a partir da (co)presença experiencial dos interlocutores (pesquisador-entrevistador e atingido-entrevistado) e, assim, revela um nível sofisticado de experiência intersubjetiva. Antes, porém, de entrarmos numa discussão mais específica sobre os processos intersubjetivos desencadeados nos excertos da entrevista selecionada, está na hora de finalmente chamar atenção para as reflexões de Gallagher e Hutto (2008) acerca da noção de competência narrativa e do importante papel que ela desempenha no desenvolvimento ontogenético dos seres humanos, naquilo que ficou nomeado como Hipótese da Prática Narrativa. De acordo com os autores:

A competência com diferentes tipos de narrativa nos permite entender os outros de variadas maneiras. Diferentes tipos de encontros narrativos são o que primeiro nos permitem desenvolver nossa competência do senso comum [*folk psychological*]. Hutto (2007, p. 53) chama isso de “Hipótese da Prática Narrativa”. Afirma que as crianças normalmente alcançam a compreensão do senso comum [*folk psychological*] participando de práticas de contar histórias, com o apoio de outras pessoas. As histórias sobre aqueles que agem por razões – isto é, as narrativas populares [*folk psychological narratives*] – são os focos desta prática. Histórias deste tipo especial fornecem o conjunto de treinamento crucial necessário para entender as razões (GALLAGHER; HUTTO, 2008, p. 28, tradução nossa).⁸

Como se vê, a ideia central dessa hipótese é a de que o contato precoce e assistido com diferentes tipos de narrativa impulsiona e sofisticada na criança a capacidade de compreensão do outro, pois ela passa a refletir e a fazer inferências sobre as ações e intenções desse outro. A criança também incorpora parâmetros culturais básicos – éticos, estéticos – e, em última instância, aprende a se comportar em sociedade. Nessa perspectiva, o desenvolvimento da competência narrativa reflete e refrata o grau de experiência intersubjetiva da criança, isto é, à medida que ela vai criando intimidade com diferentes narrativas, vai aperfeiçoando a compreensão de si e do outro. De fato, o nosso interesse maior por essa formulação não reside na discussão sobre o desenvolvimento ontogenético das formas de intersubjetividade; o que realmente destacamos é o caráter constitutivo das práticas narrativas em nossas formas de cognição

⁸ Competency with different kinds of narratives enables us to understand others in a variety of ways. Distinctive kinds of narrative encounters are what first allow us to develop our folk psychological competence. Hutto (2007, p. 53) calls this “the narrative practice hypothesis”. It claims that children normally achieve [folk psychological] understanding by engaging in story-telling practices, with the support of others. The stories about those who act for reasons – i.e., folk psychological narratives – are the foci of this practice. Stories of this special kind provide the crucial training set needed for understanding reasons. (GALLAGHER; HUTTO, 2008, p. 28).

e de ação. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar histórias, como um modo elementar de comunicação; através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, estruturam a experiência numa sequência discursiva coerente, encontram possíveis explicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica, assim, o manejo de estados intencionais que eventualmente aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal, pois se ancoram nos processos intersubjetivos (co)construídos mediante a interação entre sujeitos. Nesse sentido, a entrevista selecionada para análise pode ser concebida como um registro material dos processos intersubjetivos envolvidos na construção identitária da narradora tanto no nível da interação direta com os seus interlocutores (pesquisadores/entrevistadores) quanto no nível da contínua criação de cenas que compõem o enredo da narrativa. Com isso em mente, passamos agora à análise.

Intersubjetividade encena: uma análise qualitativa de caso

Nessa seção, propomos a análise de uma entrevista narrativa⁹ concedida por Lucimar Muniz, em 2016, ao Grupo de Estudos sobre Discurso e Memória (GEDEM) da UFOP, que a convidou para falar sobre a sua experiência com o

⁹ O método utilizado, à época, para a coleta da entrevista se apoiou em Javchelovitch e Bauer (2010) e é composto por quatro fases, além da preparatória, dedicada à organização do ambiente e ao acolhimento do entrevistado. São elas: (i) introdução, em que o entrevistador formula uma pergunta que compreende o tópico central, incentivando o entrevistado a desenvolver a sua narrativa; (ii) narração central, em que o entrevistado deve narrar livremente a sua história sem ser interrompido; (iii) fase de perguntas, em que o entrevistador formula perguntas pontuais em função da narrativa; e (iv) fase conclusiva, em que a gravação é interrompida para que entrevistador e entrevistado possam fazer suas intervenções finais com maior descontração, além de ser um momento oportuno para fazer anotações sobre a entrevista sob a forma de um protocolo.

rompimento, em 2015, da Barragem de Fundão, pertencente à mineradora Samarco. Além disso, cabe destacar que uma das motivações para o convite da entrevistada, que é museóloga e restauradora, filha e neta de moradores de Bento Rodrigues, diz respeito ao texto publicado por ela no jornal *A Sirene*, intitulado “Nossa história debaixo do dique” (MUNIZ, 2016) e ao qual ela se refere como sendo um “divisor de águas” em sua atuação junto à comunidade atingida. Assim, concebendo a narrativa como um tipo de operação cognitivo-discursiva básica, fundamentalmente intersubjetiva, tentaremos demonstrar, a partir de recortes estratégicos, como a entrevista em questão engendra a construção enunciativa da identidade da narradora como “atingida por barragem” a partir de três estágios graduais: (i) o não-pertencimento, (ii) a identificação e (iii) a militância. Para tanto, realizaremos uma análise qualitativa, centrada na integração das dimensões semiótico-cognitiva e enunciativa da narrativa, a fim de avaliar, entre outras coisas: como se dá a construção do “sentido do *self*” e da agentividade da narradora, isto é, como ela demarca um posicionamento identitário e estabelece as coordenadas dêiticas do processo de semiotização/discursivização; como ela agencia as vozes de outros “agentes/personagens”; que tipo de estratégias ela utiliza para modalizar a sua narração (avaliações afetivas e argumentativas, além do uso de marcadores conversacionais que buscam monitorar e regular a sua relação com o interlocutor/entrevistador, por exemplo); como ela organiza e coordena a contínua criação das cenas espaço-temporais que dão corpo ao enredo da narrativa, enquanto unidade de experiência intersubjetiva coesa e coerente; e, finalmente, como ela “atualiza” a sua identidade como “atingida por barragem” à medida interage com seus interlocutores. Dito isso, antes de proceder à análise, é necessário fazer uma breve apresentação geral da temática da entrevista.

Como se sabe, no dia 5 de novembro de 2015, o rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco, nomeada Fundão, em Mariana (MG), devastou por completo o subdistrito de Bento Rodrigues e parte dos distritos de Paracatu, Gama, Camargos, Campinas e Pedras, bem como áreas ribeirinhas ao longo do rio Doce, situadas no percurso do “mar de lama” que cruzou Minas Gerais e Espírito Santo, causando a morte de dezenove pessoas – entre trabalhadores e habitantes da região. Evidentemente, um acontecimento como esse, de proporções catastróficas, teve grande repercussão internacional e sua semiotização/discursivização ganhou um contorno importante nas narrativas midiáticas, nas narrativas de atingidos, de agentes públicos e nas ações de solidariedade, em função, sobretudo, de seu impacto sobre a vida dos indivíduos, sobre a coletividade e sobre o patrimônio sociocultural na microrregião de Mariana. Entre as mobilizações sociais de maior relevância na região destacamos o jornal *A Sirene*, publicação regular criada pelos coletivos #UmMinutoDeSirene e NITRO, que fazem parte de um grupo de apoio constituído por atingidos, pela arquidiocese de Mariana, por jornalistas e por professores. Foi nesse contexto que o GEDEM realizou, entre outras ações, um conjunto de entrevistas com atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, com vistas ao desenvolvimento de práticas de pesquisa e extensão.

Sendo assim, a entrevista que selecionamos surge justamente no âmbito dessas ações do GEDEM e o tema sugerido, como já foi dito, girava em torno da experiência da entrevistada com o rompimento da Barragem de Fundão, mas convém realçar o fato de que ela teve total liberdade para construir a narrativa e selecionar os aspectos que, aos seus olhos,

fossem mais relevantes. Sua escolha, então, eventualmente se concentrou na (re)construção de sua identidade como “atingida por barragem” e, assim, ao iniciar a narrativa, ela estabeleceu aquilo que, em termos analíticos, chamaremos de cena global básica de experientiação intersubjetiva, a qual marca a interação direta entre a entrevistada seus interlocutores. De fato, é a partir dessa cena global interativa que todas as outras cenas espaço-temporais vão sendo criadas recursivamente e dão forma a um enredo essencialmente polifônico, por meio do qual a entrevistada articula diversas “vozes dissonantes”, à medida que o tema principal da narrativa vai adquirindo contornos mais claros. Dito isso, começamos, então, por um primeiro recorte da entrevista, que marca o primeiro estágio de sua construção identitária: o “não-pertencimento”.

[...] essa edição [de julho de 2016, do jornal *A Sirene*] eu fiquei MUITO feliz porqueeee foi uma/ foi a edição mais importante pra MIM eh como eu destaco aqui no texto **eu nunca morei em Bento Rodrigues** né? e quando eu fui pedida pra/ pra trazer o/ os relatos porque até então **eu tava sempre como colaboradora** trazer o MEU relato e isso me incomodou muito porque as questões relacionadas aa ao rompimen/ ao esse pós-rompimento da barragem a gente teve uma série de pessoas né? que se aproximaram numa tentativa de tirar proveito a gente tem essa sensação diversas vezes de que as pessoas ali são tratadas como mercadoria ((movimento negativo com a boca)) eeh no momento do rompimento da barragem a gente teve uma exposição MUITO grande MUITO [03:00] grande e embora eu já tivesse lidado com questões ((movimento com as mãos)) de desastres ((aponta com a mão para o lado)) ambientais tanto em Angra né? por duas vezes ((movimento com as mãos)) as questões de/ de Petrópolis eu tinha acabado de sair tinha algumas horas quando desceu tudo aquilo então eeh mas tanto em Angra como/ como em Petrópolis eu eu estive em conjunto com a população auxiliando

e aqui também oo/ o meu primeiro momento o intuito era esse só que **aos poucos eu fui me vendo também como atinGida** né? eee isso gerou ((movimento com as mãos)) um conflito também muito grande porque eu vim ((movimento com as mãos)) pra trabalhar **eu não vim ((movimento com as mãos)) pra me colocar no papel ((indica com a mão para o lado)) de atinGida** ee o meu/ eu comecei/ **eu me tornei atingida nas questões referentes às terras da minha família** eh a gente [04:00] tem propriedade lá desde os período do/ dos meus bisavós né? [...] (sic)” (linhas 28-55, ênfases nossas).

Neste excerto, a entrevistada chama atenção para dois pontos importantes que refletem o seu desconforto em estar posicionada, por força das circunstâncias, no lugar de atingida. O primeiro deles é o fato de ela nunca ter morado em Bento Rodrigues, apesar de ter um passado afetivo na região proporcionado pela presença de familiares; o segundo está relacionado à projeção de um julgamento alheio, por parte dos moradores, que eventualmente a colocaria no papel de oportunista. Esse desconforto confessado, no entanto, começa a adquirir um tom diferente quando, logo em seguida, ela sinaliza um primeiro movimento em direção à “legitimação” do seu vínculo com a terra e, conseqüentemente, com a identidade coletiva do “atingido por barragem”, ao reconhecer que essa identidade, por si só, é uma construção circunstancial, da qual ela inevitavelmente faz parte. De qualquer forma, este primeiro momento da entrevista ilustra bem a delimitação do “não-pertencimento” a partir do grau de vínculo com a terra e isso é algo que, um pouco mais à frente, se manifesta de forma clara quando ela encena um diálogo direto com os atingidos que moravam em Bento Rodrigues à época do rompimento: “[...] se você não mora na localidade, fica aquele entendimento: o que essa pessoa tá fazendo aqui? Ela

chegou nesse momento justamente pra reclamar uma herança? Quantos casos não acontecem desse modo, né...” (linhas 82-85). Demarca-se, assim, de modo explícito, uma forma de encenação por meio da qual a entrevistada flutua a instanciamento dêitica da “primeira pessoa do singular” para a “segunda” e, depois, para a “terceira”, alterando, por consequência, a projeção do foco narrativo que é delegado para o ponto de vista dos moradores da comunidade. Nesses termos, o estágio do “não-pertencimento” vai se consolidando a partir da criação de cenas que contrastam agentividades constitutivas de identidades distintas, apoiadas, sobretudo, na ideia de que o grau de pertencimento à comunidade estaria intrinsecamente conectado ao contato direto com a terra; nas palavras da entrevistada: “[...] a Lucimar nem existe dentro de Bento” (linhas 99-100).

De fato, a Lucimar museóloga e restauradora ainda não existia em Bento; quem existia em Bento era a “neta do Seu Neco e filha da Verinha”, como ela mesmo reconhece logo em seguida (linhas 102-103). Esta é, com efeito, uma virada de perspectiva importante na entrevista, que sinaliza o começo da transição para o segundo estágio (a identificação) da construção da sua identidade narrativa, a qual se apoia fundamentalmente em suas memórias de infância. Para (re)construir, então, a sua identidade como “neta do Seu Neco e filha da Verinha”, a narradora nos convida a uma expedição ao passado que, discursivamente, ativa padrões de experienciamento intersubjetiva a partir da criação de cenas espaço-temporais sensoriais, afetivas, simbólicas. Em uma dessas cenas, por exemplo, ela rememora com imagens vívidas as suas viagens a Bento Rodrigues nos períodos de férias:

[...] a partir da Fazenda do Gualaxo, que tinha na estrada [...] às vezes a gente tava dormindo, mas quando chegava ali tinham alguns pontos de carvoaria, então a

gente [...] acordava com aquele cheiro do carvão e sabia que tava chegando na casa do vô. (linhas 129-137).

De modo geral, portanto, a contínua criação de cenas espaço-temporais que recuperam e filtram o passado vivido vai dando forma a um enredo que, embora permaneça polifônico, dilui as vozes dissonantes que marcam o estágio do “não-pertencimento” e entroniza a perspectiva do “nós”, isto é, da “primeira pessoa do plural”. Assim, este segundo estágio funciona, discursivamente, como uma espécie de entrelugar na construção da sua identidade como “atingida por barragem”, a qual depende intrinsecamente da coletividade, da comunidade, enfim, da intersubjetividade. Vejamos agora mais um trecho da entrevista que sintetiza a ideia de que não apenas a “neta do Seu Neco e filha da Verinha” está sendo recuperada, mas que a Lucimar-atingida está sendo construída:

[...] nisso foi que cresceu a filha de Verinha a neta de Neco e quando eu comecei a auxiliar as pessoas **eu nunca me identifiquei como Lucimar até hoje semana passad/ ((aponta para trás)) duas semanas atrás na verdade** nós estávamos num campo com um morador o ooo sidinei sogueira e ele tava auxiliando [12:00] a gente tá preparando agora um/ um diagnóstico né? da região afetada pelaa pela roda consultoria e eu sou restauradora e museóloga ((movimento com as mãos para dentro)) então eu pedi auxílio ao Sidinei me conhece desde pequena e no meio do campo eeh o Lucas de Godói citou o meu nome ele respondeu que não sabia quem era Lucimar ((sorri)) aí ((expressão de susto)) Lucas achou estranho “eu não conheço” aí eu peguei ((aponta para o lado)) Lucas olhou pra mim eu falei “NÃO as pessoas não conhecem a Lucimar eles conhecem a Neta do Neco a Filha da Verinha” isso mesmo já a gente tendo passado um ano e meio do rompimento né? as pessoas que já me conheciam anteriormente elas permanecem com isso e isso eu não

queria e não quero perder por isso que foi o momento d’eu me expor no texto né? como como essa criança posteriormente se vocês acompanharem as outras edições [13:00] vocês vão observando que **a Lucimar ((movimento com as mãos)) ela vai surgindo né?** [...] (sic) (linhas 173-196, ênfases nossas).

Este trecho contém alguns pontos dignos de nota, a começar pela ambiguidade implicada no verbo “identificar”, que tanto pode se referir ao ato de se apresentar, isto é, de dizer o próprio nome a outrem, quanto pode se referir a configurações identitárias mais específicas, relacionadas, por exemplo, aos graus de pertencimento a grupos e/ou movimentos sociais. Tudo indica que a narradora, conscientemente ou não, utiliza o verbo nos dois sentidos e é justamente por isso que “a Lucimar [...] vai surgindo” como integrante conhecida e reconhecida no grupo dos atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão – eis aí uma clara metonímia do segundo estágio da construção de sua identidade narrativa: a identificação. Além disso, no trecho supracitado se destaca uma estratégia relevante de dramatização da experiência intersubjetiva, instanciada pelo enunciado “vocês vão observando que a Lucimar ((movimento com as mãos)) ela vai surgindo né?” – enunciado por meio do qual a entrevistada interpela diretamente o(s) seu(s) interlocutor(es)/entrevistador(es), lançando mão de uma locução verbal que caracteriza um aspecto perceptual em processo, e, com isso, vai reforçando a emergência da sua identidade no cenário global de experiência intersubjetiva, à medida que narra a sua própria trajetória. Outro ponto importante, sobre o qual ainda não lançamos luz adequada, é o fato de que a Lucimar museóloga e restauradora já havia experienciado de perto os impactos de desastres ambientais e, mais do que isso, trabalhado junto a

atingidos, como no caso das enchentes e deslizamentos de terra que vitimaram centenas de pessoas em Angra dos Reis, no ano de 2010, e em Petrópolis, no ano seguinte. Nesse sentido, a “neta do Seu Neco e a filha da Verinha” se une à Lucimar museóloga e restauradora, numa espécie de integração dos “sentidos do *self*”, ou ainda, numa simbiose identitária que, em última instância, vai consolidar não apenas o seu pertencimento à comunidade, mas também a sua agentividade como atingida, no sentido de que gradualmente ela passa a assumir funções sociais mais amplas, representativas de sua militância.

Essa militância, com efeito, configura o que estamos chamando de terceiro estágio da sua construção identitária como “atingida por barragem” e é profundamente marcada pelo papel de orientação, e até mesmo de tutela, que a entrevistada/atingida passa a desempenhar junto aos moradores de Bento Gonçalves a respeito da construção do “Dique S4”, à época ainda em processo de negociação – inclusive, era precisamente essa a pauta central do texto que Lucimar publicou no jornal *A Sirene* e que, entre outras coisas, motivou o registro da entrevista que está sendo analisada. Fato é que, em 2016, a Samarco planejou (e posteriormente executou) uma manobra que visava à contenção do persistente escoamento de rejeitos de minério da barragem quase um ano após seu rompimento, o qual tinha potencial para se agravar nos períodos de chuva. Assim, a construção do “Dique S4” foi a resposta apresentada pela empresa, mas essa “solução” alagaria completamente a área e comprometeria em definitivo os últimos resquícios do patrimônio sociocultural da região, a exemplo da “Capela São Bento”, e, por causa disso, o anúncio gerou grande polêmica não apenas dentro da comunidade, mas também junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que se opôs ao projeto. O trecho abaixo ilustra

bem o grau de militância da entrevistada e, conseqüentemente, esse terceiro estágio de construção da sua identidade narrativa:

[...] **eu precisava sensibilizar** com esse texto as pessoas pra esse entendimento de que aquilo ali não era só NOSso ((movimento com as mãos para dentro)) ele era um momento que eeh iria afetar TTodo o patrimônio cultural da localidade [...] **você precisava ainda explicar** às pessoas daquela [16:00] comunidade qual a GRANde importância daquilo por que que é importante de repente você fazer uma escavação em determinadas áreas né? [...] **as pessoas tinham a necessidade** de entrar naquele território ((aponta para o lado)) e realizar mesmo que com aquele rejeito todo realizar a sua festa tal qual ela se realizava antes e você pegar e utilizar essas questões pra **explicar pra eles** a importância que tinha aquilo ali até mesmo por questões psicológicas né? [...] **então esse texto aqui ele pra MIM na Minha na minha hisTÓria na comunidade** ele foi o texto mais importante né? que ele/ ele pôde **sensibilizar as pessoas** a partir daí eu consegui né? nos dias sete e onze eeh colher essas assinaturas e as pessoas se empenharem nas questões no entendimento também que o dique prejudicaria a comunidade eee e a gente ((movimento com as mãos para dentro)) **trazer outras pessoas** também pra se identificarem com essa luta entender que não é uma luta só minha né? [...] (sic) (linhas 235-274, ênfases nossas).

De uma perspectiva discursivo-cognitiva, a recorrência de verbos como “explicar” e “sensibilizar” – cuja natureza semântica por si só já sinaliza uma forma de ação sobre o outro –, modalizados na dimensão da necessidade e do dever (precisava explicar, precisava sensibilizar), explicita a agentividade e, sobretudo, a “nova” identidade alcançada pela narradora, que agora assume um papel de liderança ciente do seu papel na preservação do patrimônio cultural e na conscientização da sociedade acerca da relevância dessa causa. É por isso que ela

precisa “trazer outras pessoas [...] pra se identificarem com essa luta, [pra] entender[em] que não é uma luta só [dela]”, afinal, trata-se de “uma causa da comunidade” (linha 408) que depende da união, da coletividade. Nesse sentido, o estágio de militância depende diretamente da sincronização plena das subjetividades e da integração das experiências coletivas, ou seja, depende da consolidação daquilo que estamos chamando de experiência intersubjetiva – e isso é algo que se manifesta, por exemplo, na flutuação dos índices dêiticos de pessoa, que instanciam não apenas a “primeira pessoa” (eu, nós, a gente), mas também a “segunda” (você), e mesmo a “terceira”, sob a forma de referentes (as pessoas), fazendo com que, enunciativamente, ocorra uma espécie de integração de diferentes “eus” em uma só identidade: a do “atingido por barragem”. Com efeito, é a partir desses índices de experiência intersubjetiva que a entrevistada realiza, em vários níveis e por meio da contínua criação de cenas espaço-temporais, a construção da complexa identidade narrativa da Lucimar-atingida. Nesse ponto, então, convém encaminhar as considerações finais e esclarecer os últimos contornos da nossa análise.

Considerações finais

De modo geral, a nossa análise tentou equalizar aspectos fenomenológicos, cognitivos e discursivos para tratar do “problema” da consciência pela via da intersubjetividade, adotando uma abordagem centrada no funcionamento sociocognitivo das experiências conscientes e assumindo o fato de que os seres humanos compartilham certos padrões de experiência intersubjetiva que se manifestam, por exemplo,

por meio da linguagem e, mais especificamente, por meio da prática narrativa. Nessa perspectiva, o objetivo central da análise da entrevista narrativa selecionada foi mapear a realização linguístico-enunciativa desses padrões experienciais que, entre outras coisas, instanciam a construção do “sentido do *self*” (ABRANTES, 2010) e fomentam o compartilhamento dos conteúdos da experiência consciente (sensações, emoções, percepções) por meio da criação de cenas espaço-temporais. Com efeito, ficou claro que essa contínua criação de cenas deu forma a um enredo polifônico, por meio do qual a narradora gradualmente construiu a sua identidade como “atingida por barragem” a partir de três estágios: o não-pertencimento, a identificação e a militância. Além disso, também foi preocupação nossa avaliar a criação de cenas levando em conta diferentes níveis de experiencição intersubjetiva, a começar pela cena global que dá início à narrativa mediante a interação direta entre a narradora e seus interlocutores, e a partir da qual todas as outras cenas são geradas (o passado afetivo em Bento Rodrigues, o debate sobre a construção do Dique S4, entre outras tantas). Parafraseando Damásio (2018), é como se todos nós, leitores e interlocutores da entrevista, tivéssemos sido convidados a assistir e a experienciar intersubjetivamente o “filme da consciência” de um *self* em construção, cujo enredo nos faz refletir não apenas sobre uma luta individual, mas sobretudo coletiva.

Fato é que, não obstante o tempo decorrido desde o acontecimento histórico do rompimento da Barragem de Fundão, a mineração continua sendo uma atividade predatória que figura como um dos principais pilares econômicos do País, apesar da amplitude e da recorrência de seus impactos socioambientais, como foi o caso da tragédia de Brumadinho (MG), que vitimou

264 pessoas em janeiro de 2019. Além disso, é visível que os problemas enfrentados pelas comunidades atingidas também não foram devidamente solucionados; basta olhar para o famigerado “Dique S4”, que foi construído a despeito da luta coletiva e que ainda hoje, em 2022, mantém submerso não apenas o que restou do patrimônio histórico de Bento Rodrigues, mas também boa parte das memórias e das histórias de vida dos atingidos. Em suma, ainda bem que nós, seres humanos, somos dotados de intersubjetividade e, assim, podemos fazer com que ao menos as nossas memórias emerjam desse mar de lama.

Referências

ABRANTES, A. M. M. Consciousness and self in language: a view from cognitive semiotics. In: **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 4, p. 7-24, 2010.

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989. p. 81-90.

BENVENISTE, É. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995. p. 284-293.

CHALMERS, D. J. **The conscious mind**: in search of a fundamental theory. Oxford: Oxford University Press, 1996.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DAMÁSIO, A. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GALLAGHER, S.; HUTTO, D. D. Understanding others through primary interaction and narrative practice. In: ZLATEV, J. *et al.* **The shared mind: perspectives on intersubjectivity**. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 17-38.

GIBSON, J. **The senses considered as perceptual systems**. Connecticut: Greenwood Press, 1983.

JAVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 90-113.

MUNIZ, L. Nossa história debaixo do dique. **A Sirene**, Mariana, MG, ano 1, n. 4, jul. 2016. Disponível em: https://issuu.com/jornalasurene/docs/jornal_a_sirene_ed4_julho_sm. Acesso em: 3 fev. 2022.

NEWEN, A.; DE BRUIN, L.; GALLAGHER, S. **The Oxford handbook of 4E cognition**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

TONONI, G. Consciousness as integrated information: a provisional manifesto. In: **The Biological Bulletin**, v. 215, n. 3, p. 216-242, 2008.

ZLATEV, J. The co-evolution of intersubjectivity and bodily mimesis. In: ZLATEV, J. *et al.* **The shared mind: perspectives on intersubjectivity**. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 215-244.